

Werner kaegi: o pequeno-Estado e a crise europeia

Cássio da Silva Fernandes*

Resumo:

O historiador suíço Werner Kaegi (1901-1979) é reconhecido como autor da biografia intelectual de seu concidadão e também historiador, Jacob Burckhardt (1818-1897). Neste escrito, Kaegi fundia a personalidade de Burckhardt ao ambiente cultural helvético no século XIX e ressaltava a importância da cultura cidadina de Basileia na vida e na obra de seu biografado. Porém, nas décadas de 1930 e 1940, Werner Kaegi, professor na Universidade de Basileia, profere uma série de conferências sobre a posição do pequeno-Estado na história da Europa, e conseqüentemente sobre o teor da crise europeia no contexto das duas grandes guerras. Analisaremos tais conferências, com o intuito de compreender os influxos de sua concepção política fundamentando o caráter de sua perspectiva histórico-cultural.

Palabras-chave: Werner Kaegi, Estado, historiografia.

Résumé:

L'historien suisse Werner Kaegi (1901-1979) est reconnu comme l'auteur de la biographie intellectuelle de Jacob Burckhardt (1818-1897). Pourtant, entre les années 1930 et 1940, Werner Kaegi, professeur a l'Université de Bâle, presente une série de conférences sur la position du petit-état dans l'histoire de l'Europe et sur le contenu de la crise européenne a l'entre-guerres. L'interpretations raffinée sur la réalité tragique de l'Europe, sur le rôle joué par l'idéal de l'État nacional comme puissance politique, s'approche des leçons de Federico Chabod a l'Université de Milan; s'approchait aussi de encore deux importants historiens: Delio Cantimori, de Pisa et l'holandais Johan Huizinga. Seront analysées les conférences de Kaegi, avec l'objectif de comprendre sa conception politique comme fondement de sa perspective d'histoire culturelle.

Mots-clefs: Werner Kaegi, État, historiographie.

Em julho de 1938, o historiador suíço Werner Kaegi (1901-1979) profere em Lucerna três conferências sobre o tema geral *Die Schweiz in Europa* (A Suíça na Europa). Conferências que ele intitulou *Der Kleinstaat im europäischen Denken* (O pequeno Estado no pensamento europeu).¹ Nessas apresentações, Kaegi analisa o lugar do pequeno Estado tanto no pensamento, quanto na história política europeia. Com um discurso em tom quase educativo, o professor de História Medieval e Moderna na Universidade de Basileia fala a seu público com a lucidez serena e ativa de uma voz que se interpõe ao hegemônico caminho tomado pela política na Europa contemporânea. Nascido em Oetwil am See, cantão de Zurique, Werner Kaegi, que na juventude escrevera uma tese sobre Hutten e Erasmo, conhecia

* Cássio da Silva Fernandes, Doutor em História Social pela UNICAMP, é Professor Adjunto no Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.

¹ Tradução livre de KAEGI, Werner. *Der Kleinstaat im europäischen Denken*. In: KAEGI, W. *Historische Meditationen*. Vol. 1. Zürich: Fretz & Wasmuth Verlag, 1942, pp. 249-314.

bem os fundamentos do federalismo helvético e seu lugar numa Europa já dominada pelas potências nacionais.

Se o suíço quer compreender a posição de seu Estado no mundo histórico [afirma ele, na primeira das conferências de 1938] deverá atenuar as luzes que iluminam a idéia de nação, que somente há um século é determinante na vida européia, e estudar as mais antigas formações políticas afins à sua por gênese e por estrutura.²

E o próprio Kaegi, então, pôs-se a destrinchar, na história do pensamento europeu, as teorias que sustentaram o ideal do pequeno Estado, hegemônico na Europa por cinco séculos, mas dissolvido quase totalmente no século XIX. Sua palestra, como se pode perceber no trecho citado acima, tinha o intuito de esclarecer a seus concidadãos as estruturas históricas sobre as quais se baseia o federalismo suíço, seus fundamentos e seu sentido frente ao mundo contemporâneo. Era a voz de um historiador da cultura, amigo e tradutor do holandês Johan Huizinga, um historiador que, formado pela Universidade de Zurique, participa depois (ainda como aluno) do círculo basileense formado em torno do professor Ernst Walser (1878-1929) – o estudioso de Poggio, de Coluccio Salutati, de Luigi Pulci. Walser, nas primeiras décadas do século XX, era o grande representante da tradição basileense de estudos sobre o Renascimento italiano, estudos que relacionavam, sobre um fundo histórico-cultural, o universo religioso e a prosa humanística, a especulação filosófica e a organização da *vita civile*. Mas Werner Kaegi ficaria conhecido, em especial, por uma obra que consumiu quase todo o arco de sua produção: a biografia intelectual, em 7 volumes, de seu concidadão e também historiador, Jacob Burckhardt (1818-1897). Neste escrito, Kaegi fundia a personalidade de Burckhardt ao ambiente cultural suíço no século XIX e ressaltava a importância da cultura cidadina de Basiléia na vida e na obra de seu biografado.

Na década de 1930, no entanto, Kaegi apenas tinha iniciado seu trabalho sobre a obra de Burckhardt. Ele organizara, no quadro da edição das Obras Completas de Jacob Burckhardt, o tomo sobre *A Cultura do Renascimento na Itália*. O primeiro volume da referida biografia sairá somente em 1947. Porém, os anos 1930 marcam para Kaegi outro encontro fundamental. Entre dezembro de 1931 e julho de 1932, o jovem historiador italiano Delio Cantimori esteve em Basiléia e frequentou os cursos de História da Igreja na Faculdade de Teologia da universidade local, ministrados pelos professores Ernst Stähelin e Johannes Wendland. Cantimori havia deixado a Scuola Normale Superiore di Pisa, para acessar a experiência européia através de Basiléia, e uma vez ali, iniciar a pesquisa que marca sua

² *Idem, ibidem*, p. 257-258.

trajetória intelectual, sobre os hereges e protestantes italianos do século XVI. Fugidos das perseguições religiosas advindas da Contra-Reforma na Itália, os hereges italianos tinham encontrado em Basileia a atmosfera de tolerância instaurada na cidade pelos ensinamentos e pelo legado de Erasmo. Em Basileia, os hereges italianos do *Cinquecento* haviam encontrado, além da tolerância religiosa, além do estudo e do ensino na universidade, também o terreno propício para o trabalho nas editoras e daí para a divulgação do humanismo italiano no cenário europeu. É importante lembrar que foi um italiano tornado editor em Basileia, Pietro Perna (de Lucca), o mediador da divulgação da tradição biográfica humanista da Itália na Europa central, em especial, pela publicação da grandiosa galeria das vidas dos homens ilustres de Paolo Giovio. Foi Pietro Perna também o responsável pela universalização da obra de Maquiavel, editada pela primeira vez em latim (em 1560) exatamente pelo trabalho de tradução realizado no círculo dos hereges italianos emigrados a Basileia no século XVI. Esses hereges, que Delio Cantimori foi procurar nos arquivos e nas edições basileenses, e cuja pesquisa resultou num livro clássico, *Eretici italiani del Cinquecento*, interessou também a Werner Kaegi. Para Kaegi, os hereges italianos são exemplo concreto do caráter universalista, europeu, da tradição humanística da cidade, que absorve, no Renascimento, tanto a vertente erasmiana, pela atuação de Erasmo durante anos ali, quanto aquela propriamente oriunda da Itália, introduzida pela via dos humanistas italianos ali acolhidos num momento em que os tribunais da Inquisição soavam ameaçadores os seus sinos e faziam arder impiedosamente as suas fogueiras.

Kaegi havia assumido a cátedra na universidade, em Basileia, no ano de 1934. Em 1938, nas conferências sobre o pequeno Estado no pensamento europeu, ele expõe suas dúvidas e sua crítica sobre os nacionalismos que atuaram como forças propulsoras na formação dos grandes Estados europeus contemporâneos. Ele busca desnudar os mitos sobre os quais se assentou a idéia da origem quase pré-histórica das singulares individualidades nacionais, que fundamentaram, por sua vez, a base argumentativa das discussões a respeito do Estado-nação durante todo o século XIX. Kaegi, na verdade, chama a atenção para um fenômeno, presente no pensamento histórico e na própria historiografia do século XIX e do início do século XX, fenômeno que serve ainda de sustentação para as ações no campo da política, qual seja: a naturalização da idéia de nação. Ele afirma:

A historiografia dos séculos XIX e XX, a despeito dos surpreendentes resultados parciais, é sempre dominada por um conceito fundamental de origem não puramente histórica, mas de filosofia da história, meio biológico, meio filológico: o conceito de nação. De cem anos para cá o mundo se habituou a considerar a história da Europa como uma história de nações. [...]

A idéia de nação, que como conceito histórico fundamental carrega impresso desde o nascimento o defeito da tendência política, provocou na compreensão histórica do homem de cultura europeu um engano não menor do que os decretos pseudo-isidorianos e do que todas as falsificações papais na Idade Média.³

Certamente, Werner Kaegi se refere à idéia de nação do modo como foi gestada no seio do grandioso movimento do espírito que foi o romantismo, onde a nação surge e triunfa como poderosa individualidade natural, dotada de alma própria; nação entendida como um organismo fechado em si mesmo, impenetrável pelos outros, com características permanentes; nação, portanto, como um mundo em si, formado por um processo natural de costumes, de idéias, de moralidade, em resumo, como unidade de espírito. Esta é a nação entendida por ele como um mito da história (e da historiografia) contemporânea. Um mito baseado, ele mesmo diz, numa concepção biológico-filológica, porque fundamentado na idéia da unidade da raça e da língua.

Mas Kaegi entende que tais concepções não se sustentam do ponto de vista da história. Ele constata que nações, enquanto grandezas de importância primária, jamais aparecem no longínquo passado da Europa; que estas formações, quando aparecem no horizonte europeu, não derivam por via direta nem de áreas lingüísticas, nem de raças dos primórdios. As nações, para Kaegi, aparecem na história da Europa como produtos tardios e secundários de um processo prevalentemente político e de natureza extremamente complexa. O que é certo para ele é que “em nenhuma parte da Europa a nação foi o elemento primário e o Estado o elemento derivado”⁴.

Ao partir deste ponto, Werner Kaegi pretende desmontar o pressuposto espiritual na formação dos Estados nacionais. Ele desconsidera as doutrinas sobre o Estado ético, que desejaram fazer do Estado a suprema expressão da vida espiritual e moral; ele desautoriza as tendências a fazer do Estado quase uma entidade metafísica, suspensa entre o céu e a terra. É esta certamente uma crítica à idéia de Estado formulada por Hegel, e tão válida tanto na vida política européia, quanto no pensamento histórico ao longo do século XIX. E Kaegi, de fato, atentou para o papel desempenhado pelo conceito de nação no campo da política, mas também no terreno do conhecimento histórico. Começemos pela historiografia.

³ *Idem, ibidem*, p. 254.

⁴ *Idem, ibidem*, p. 256.

Na primavera de 1942, Werner Kaegi ministra em Basileia uma conferência publicada no ano seguinte sob o título “Ciência histórica e Estado na época de Ranke”⁵. Aqui, o historiador suíço pretende compreender em que medida a experiência política contemporânea interveio na obra de Leopold von Ranke, seja como elemento suscitador de interesse, seja como força perturbadora e vetor de transformação. Ele quer assimilar não apenas como o historiador determina o político, mas também como os acontecimentos políticos influenciam poderosamente a conformação da historiografia de Ranke. Kaegi observa, antes de mais nada, que após a posse da cátedra na Universidade de Berlim em 1836, a idéia das individualidades nacionais e estatais apresentava-se a Ranke como um interesse quase exclusivo. Em outras palavras, Kaegi compreende que, nos anos em que deteve a cátedra em Berlim, entre 1836 e 1867, a idéia de nação sob um ponto de vista político constituiu a base ideal da historiografia de Ranke, a ponto do historiador alemão afirmar nas conferências ao Rei Maximiliano da Baviera, em 1854, que “nenhum Estado jamais existiu sem um fundamento espiritual e sem um contexto espiritual. Na potência em si [continua Ranke] aparece uma essência espiritual, um gênio originário que tem uma vida própria”⁶. Sobre essa passagem, comenta Kaegi:

*Ele [Ranke] acreditará, como historiador da potência do Estado, ser também historiador do espírito. Em Ranke, neste ponto há realmente um axioma de sua fé mais profunda: aquele da transcendência do indivíduo nacional. A individualidade nacional era concebida essencialmente de um ponto de vista político. Já que ela, porém, na filosofia da história de Ranke tornou-se a representação essencial das idéias, antes a expressão da providência divina, então a história universal do espírito se dissolve numa teoria da potência das individualidades nacionais.*⁷

Dois anos antes, em 1940, dirigindo ao mesmo público de Basileia uma palestra de título *Entstehung der Nationen* (A origem das nações), Werner Kaegi havia ampliado sua crítica a um conjunto maior de historiadores alemães.

*A historiografia dos últimos cem anos, mais do que qualquer outra [diz ele], trabalhou sobre a convicção de que fosse sua tarefa descrever aquelas individualidades nacionais interpretadas por Ranke como pensamentos de Deus [...]. Ainda em 1936, Friedrich Meinecke, em suas **Origens do Historicismo**, nucleou este conceito de individualidade como a descoberta e o mérito fundamental próprio da historiografia alemã. O que Ranke, em torno de 1836, formulava polemicamente [nos Diálogos Políticos], debatendo com o século XVIII, era um programa que daquele momento em diante foi realizado em larga escala, e não somente por ele.*⁸

⁵ Trabalhamos com a versão italiana, traduzida por Delio Cantimori, de uma seleção de textos e conferências de Kaegi. Cantimori organiza esta seleção sob o mesmo título dado por Kaegi à edição original, acima citada, que se compõe de 2 volumes. Utilizamos a edição em italiano desta conferência por ter sido impossível acessarmos o segundo volume da obra em alemão. KAEGI, Werner. *Scienza storica e Stato al tempo di Ranke*. In: KAEGI, W. *Meditazioni storiche*. Bari: Laterza, 1960, pp. 272-315.

⁶ Apud. KAEGI, Werner. *Meditazioni storiche*, op. cit., p. 299.

⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 299.

⁸ KAEGI, Werner. *Entstehung der Nationen*. In: KAEGI, W. *Historische Meditationen*, op. cit., pp. 34-35.

Para Kaegi, era um engano considerar a história da Europa como uma história de grandes nações, do mesmo modo em que era um erro imaginar a existência de uma entidade nacional no espírito do povo antecedendo a efetivação política do Estado-nação. Ele acreditava que para o surgimento da unidade nacional concorria muito mais o arsenal de poder de determinado grupo, de modo à unidade de uma nação poder ser reconhecida quase somente na unidade do centro de poder. Portanto, para o historiador suíço, nação é fato político, e jamais encontro espiritual de um povo com sua essência formadora. Para ele, nação é constructo político, no qual muitas vezes concorre o aparato bélico de uma ou outra facção; nação é organização política de um território, é domínio de um grupo sobre os demais, é força coercitiva, porém jamais a efetivação política de um elemento presente na alma européia, qual seja: o princípio nas individualidades nacionais. Este princípio, para Kaegi, representava o grande equívoco sobre o qual a historiografia hegemonicamente tinha se baseado desde o século XIX. A constituição da idéia de Europa, partindo-se do pressuposto da existência natural, original, de potentes unidades espirituais formadoras das nações, continha, além de um equívoco histórico, uma ameaça ao equilíbrio político europeu. Kaegi compreendia que Ranke falhara ao perceber, no ensaio *As Grandes Potências*, uma “restauração” do equilíbrio político na Europa após as guerras napoleônicas. Kaegi observava que a noção de equilíbrio europeu de Ranke assentava-se sobre o princípio das potências nacionais. Nas conferências de 1938, quando pensa sobre a estabilidade da Europa, Werner Kaegi descarta a fórmula rankeana, para lançar o olhar mais ao passado. Ele afirma:

*Foi um cidadão de uma cidade-Estado italiana, Lorenzo, o Magnífico, a inventar aquela consciente e magistral política de equilíbrio no âmbito italiano, que depois veio transferida para o plano europeu, a fundar a tradição desta idéia, jamais ultrapassada de todo.*⁹

A fórmula política concebida e executada por Lorenzo de' Médici baseava-se na tradição do pequeno-Estado, no poder disseminado nas cidades italianas, e estruturado por alianças entre *statelli*. Sobre uma formação semelhante ancora-se o ideal suíço da confederação, de que falava Kaegi no início da conferência de 1938. E é evidente o interesse de um cidadão suíço, estudioso da história, pelo lugar dos pequenos Estados na história da Europa. Acresça-se a isso o contexto europeu em que tais conferências são ministradas, entre os anos 1938 e 1942. São os anos em que a Europa mergulha no caos da Segunda Guerra Mundial. O ano de 1942 é extremamente dramático para a Suíça, também em particular.

⁹ KAEGI, Werner. Der Kleinstaat im europäischen Denken. In: KAEGI, W. *Historischen Meditationen*, op. cit., p. 285.

Corriam os rumores de preparativos de uma invasão das tropas alemãs às cidades helvéticas. Delio Cantimori, no Prefácio à edição italiana das *Meditações Históricas*, de Kaegi, narra a experiência de sua estadia em Basiléia, naquele momento:

[...] do terraço de uma casa na altura que hospeda a Catedral, onde tinha sido o antigo castrum e onde tinha havido o Concílio Ecumênico, escutava-se de longe o eco do estampido de bombardeios que no dia seguinte se ouvia dizer ter destruído históricas cidades alemãs às margens do Reno.¹⁰

A ameaça à Basiléia provinha do litígio entre as grandes nações e representava, no trágico contexto, uma ameaça à Europa, entendida como unidade civilizacional. Na mesma medida, o foco no papel do Estado na história europeia não representava nenhuma proeminência teórica devotada por Kaegi ao elemento Estado. Ao contrário, trata-se de uma crítica ao “Estado ético” hegeliano de origem prussiano-luterana, uma crítica à Berlim bismarckiana, à Alemanha hegemônica. Um crítica lançada de um ponto de vista cosmopolita, basileense, de uma perspectiva suíça, republicana e irônica. Trata-se, de fato, de uma perspectiva realmente europeia, que observa, no contexto de crise da civilização, a Europa em suspensão; uma perspectiva que percebe no teor da crise um problema de ordem política, mas também de compreensão histórica: uma incompatibilidade trágica entre a idéia de nação e a idéia de Europa.

Esta perspectiva explica, em grande medida, a amizade de Kaegi com Huizinga e com Cantimori; explica também sua dedicação de toda a vida à obra de Jacob Burckhardt. Suas conferências se unem também à voz de Federico Chabod, o piemontês que nesta mesma época apresenta na Universidade de Milão os memoráveis cursos, depois repetidos em Roma e editados com os significativos títulos de *L'idea di nazione* e *Storia dell'idea di Europa*. Significativamente, todos estes são historiadores da cultura, especialistas no Renascimento e cidadãos de confederações de pequenos-Estados (a Suíça de Burckhardt e Kaegi, a Holanda de Huizinga), ou cidadãos da Itália (Cantimori e Chabod), que apesar de se ter unificado em Estado-nação, permanece desconfortável nesta roupagem, muito mais ligada a suas diferenças culturais internas e a sua unidade marcada por dois pilares de caráter universal: a Roma pagã e a Roma cristã. Em todos estes homens, uma idéia, dentre as que professaram ao longo de suas vidas, prevaleceu: aquela de defesa de uma civilização a que foi dada o nome Europa.

¹⁰ CANTIMORI, Delio. Prefazione. In: KAEGI, W. *Meditazioni storiche*, op. cit., p. XII.